

A VELHINHA

Demorou para Carlos voltar à terra natal. Quando resolveu tentar a sorte em outro Estado, planejou regressar assim que conseguisse razoável pé-de-meia. Afinal, a Silvinha, tão graciosa e mimosa, estaria esperando-o, prometeu que o esperaria o tempo que fosse necessário. Mas como as promessas de amor muitas vezes são frágeis, logo, logo, os telefonemas e as cartas foram se espaçando, até que cessaram de vez. Já notara certo estranhamento da última vez que a vira. E quando um amigo informou-o de que Silvinha estava de novo amor, Carlos resolveu de vez não voltar, curtindo à distância o desencanto, talvez seja mesmo certo que longe dos olhos, longe também do coração. E não viu os anos passarem, como também não viu as marcas do tempo no próprio rosto, as rugas, os cabelos embranquecendo, quando se deu conta já não era mais o jovem que deixara a cidade em busca de um sonho. Só se arrependia de não ter procurado outra companheira. É certo que oportunidades não lhe faltaram, mas sempre a lembrança do amor ingrato não o deixava seguir adiante, há emoções insidiosas que teimam em nos perseguir pelo resto da vida.

Já ao entrar na cidade, porém, estranhou que tudo estivesse tão diferente. A ampla avenida de acesso, o grande movimento de veículos, muitos semáforos, arranha-céus brotando de todos os lados quais enormes cogumelos, até pensou se valia mesmo a pena o progresso desfigurar de tal forma a cidade. Só conseguiu estacionar o carro vários quarteirões depois da praça. E veio andando até ela, mas os rostos que encontrava lhe eram todos indiferentes, esperava ser acolhido como filho pródigo que volta, mas era olhado como estranho e na verdade era um estranho, teve ímpetos de exhibir a cédula de identidade para que todos vissem que era natural de lá.

O banco do jardim, contudo, era o mesmo, no mesmo lugar e com a mesma propaganda de loja que provavelmente já nem existisse mais, só que um pouco desgastado pelo passar dos anos. Fôra ali que estivera tantas vezes com Silvinha, de mãos dadas, trocando juras de amor eterno. Lembrava-se bem dela, o cabelo graciosamente preso, os olhos amendoados, o nariz pequeno e afilado, os lábios carnudos, a covinha no queixo que lhe despertava desejos inconfessáveis mas reprimidos, naqueles tempos o namoro tinha limites bem definidos, não era como hoje, sem romantismo e sem peias. Vendo a igreja matriz no centro da praça, lembrou-se também das manhãs de domingo em que ia com ela à missa das sete, para estarem juntos não se importava em levantar cedo, a paixão também é feita desses pequenos sacrifícios. E sempre sentavam-se atrás de simpática velhinha, de coque irrepreensível e vistoso chale vermelho, pequenina e curvada pelos anos, que

invariavelmente recebia a comunhão e saía pela porta lateral, sem olhar para ninguém, porém deixando atrás si um rastro de agradável perfume.

Tangido pela saudade, Carlos resolveu entrar por instantes no templo, se não fosse para rezar, o que há muito não fazia, pois a vida agitada da cidade grande não lhe deixava tempo para tais veleidades, vejam como facilmente acabamos invertendo valores, seria pelo menos para descansar um pouco naquele lugar que tão boas recordações lhe trazia. Fechou os olhos e, acariciado pelo profundo e respeitoso silêncio da igreja, chegou a ensaiar uma prece, mas logo se viu de volta ao passado, Silvinha ao lado, o murmurinho dos presentes nos instantes que antecediavam a missa, a velhinha, compungida, bem à frente. Quando procurou disfarçadamente a mão da namorada, era assim que sempre faziam, desses expedientes os corações enamorados sempre se valem, fosse alguém pensar que não respeitavam aquele ambiente sagrado, mas não a encontrou, acordou assustado e viu que estava tristemente só. Saiu cabisbaixo e abatido em direção da porta lateral, mas nem havia dado alguns passos e parou assustado, olhando em todas as direções. O perfume que lhe inundava as narinas, inconfundível, era o que a simpática velhinha sempre usava...

**Darly Viganó
darly.vigano@gmail.com**